ENTRE VISTA

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

Entrevista por Nuno Markl
Fotografias: Bruno Colaço/4SEE

“Às vezes é culpa dos próprios humoristas que a comédia tenha mau nome”

Esta é uma conversa sobre livros. Mas também sobre cocó. Ou não fossem os intervenientes dois dos principais humoristas do nosso país. De um lado Ricardo Araújo Pereira, acabado de publicar *Estar Vivo Aleija*, uma coleção de crónicas escritas para o jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*. Do outro Nuno Markl, desafiado pela *Estante* a entrevistar o colega e amigo de há tantos anos. O resultado não é para estólidos.

A FNAC, quando nos desafiou para isto, pediu que esta conversa abordasse livros. Não apenas o teu, mas vários.
Que se vendam na FNAC.

Sim, portanto agora pensa bem naquilo que vais responder. Pensa bem se já o viste na prateleira na FNAC: qual foi o primeiro livro que leste que foi, para ti, uma epifania? Nunca falámos disto e estou genuinamente curioso. No meu caso, lembro-me que teria 15 anos e uma professora de Português passou-me para as mãos *Os Contos do Gin-Tonic*, do Mário-Henrique Leiria, porque achava que eu tinha um humor parecido, apesar de nunca ter lido aquilo na minha vida. E, de facto, houve ali um coro de anjos. No teu caso, o que aconteceu?
O que acontecia no colégio de padres franciscanos onde eu andava era isto: tínhamos aulas das 9h00 às 16h00 e depois, das 16h00 às 18h00, alguns miúdos cujos pais não tinham disponibilidade para os ir buscar ficavam numa coisa chamada estudo. Basicamente era para fazer os trabalhos durante duas horas. Eu fazia-os em 15 minutos, ficava despachado, e depois pegava no livro de Português, que tinha muitos excertos de vários autores, e ia ler. E acho que isso aconteceu-me com dois autores: um foi o Mário de Carvalho. Havia um conto dele chamado "A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho"...

Que é maravilhoso.
A Deusa da História engana-se, faz um grande nó e, de repente, emerge uma batalha medieval na Avenida Gago Coutinho de hoje. O [Gabriel] García Márquez diz que uma vez abriu *A Metamorfose* do Kafka, leu a primeira frase que diz "Um dia, depois de uma noite de sonhos agitados, Gregor Samsa acordou transformado numa espécie grotesca de inseto" e pensou: "Eu não sabia que se podia escrever isto!" Isso aconteceu-me com o Mário de Carvalho. Eu também não fazia ideia que era possível imaginar que a Deusa da História se tinha enganado e, de repente, aparecia ali uma batalha medieval. Nesses meus livros também encontrei textos de um autor chamado José Gomes Ferreira. Tu andaste na Escola José Gomes Ferreira...

Andei, numa altura em que ainda não se chamava José Gomes Ferreira. Apenas Escola Secundária de Benfica.
Havia textos dele no livro da escola, não só os das *Aventuras de João Sem Medo*...

Também estavam nos meus livros da escola.
Mas havia outros. Havia textos de um livro de contos chamado *O Mundo dos Outros* e de um livro chamado *Gaveta de Nuvens*. E havia um texto, em especial, que consistia num bêbado a queixar-se de que algumas palavras já não eram usadas. O bêbado tinha muita pena disso e começava a chamar, por exemplo: "Você é um estólido!"

O que é giro porque parece um pré-*sketch* do *Gato Fedorento*. Consigo imaginar essa ideia a surgir de ti. Num episódio da *Mixórdia de Temáticas*.
Exato, é possível!

“Gosto mais de ouvir uma pessoa a contar-me uma história do que de ver uma história a desenrolar-se.”

No meu caso, a minha cultura sempre foi mais cinéfila do que literária. Tu preferias objetivamente livros a filmes?
Acho que sim. Também gosto de filmes, evidentemente, mas gosto mais de ouvir uma pessoa a contar-me uma história do que de ver uma história a desenrolar-se. Quase todas as minhas personagens estão a contar uma história, não estão a viver uma história. Também porque, às vezes, a história é difícil de viver: "Aparece-me um urso e começa-me a violar..."

Claro, mas o Leonardo DiCaprio...
O Leonardo DiCaprio fez isso.

Sempre achei que o *Revenant* era uma adaptação desse *sketch*. O Iñárritu claramente via *O Perfeito Anormal* e foi buscar isso.
Mas alguns dos filmes que eu achava mais giros não eram apenas uma história a desenrolar-se, era um tipo a contar a história que se estava a desenrolar. Por exemplo, *A Princesa Prometida*...

O Peter Falk a contar a história ao neto.
O miúdo está doente e o avô conta-lhe a história e faz apartes. Mesmo *A História Interminável* parte de um livro que está a ser lido.

"Uma vez entrei no carro e pus um endereço. E o GPS pergunta: 'Aceitar destino?' De repente senti que estava dentro de uma peça do Sófocles."

Toda a gente que gosta de ler tem livros que são Everestes. Aqueles muito difíceis de escalar. Gostava de saber se tens algum desses. Eu, por exemplo, queria muito ler – e já fiz várias tentativas – *A Piada Infinita*, do David Foster Wallace. E é muito difícil porque tem mil e tal páginas, notas de rodapé dentro de notas de rodapé, e fico muito cansado. Apesar de não ter desistido, porque acho que é muito bom.
Também lá tenho esse livro e ainda não lhe peguei. Às vezes compro livros e tenho a consciência de que é muito improvável que os vá ler. Mas quero tê-los lá na prateleira, não vá acontecer.

Dá-me um exemplo.
Às vezes há livros que fazem parte da obra de um autor de quem gosto, mas que são assim mais marginais, e penso: já agora, também quero ter isto. Mas sobre esses Everestes, por exemplo, ainda não consegui ler decentemente o *Ulisses* do James Joyce.

É o maior Evereste não só para ti, mas para muita gente.
Mas vou conseguir! Há uns anos frequentei um seminário...

Um *workshop* para ler o *Ulisses*?!
Era quase isso, sim! Líamos um capítulo por semana. Só que me apareceu uma coisa qualquer de trabalho e não consegui concluir o seminário. Mas comprei uma edição anotada que espero que me vá ajudar. Conheço o monólogo final da Molly Bloom e vários episódios do livro, mas é aquela leitura de galinha que está a picar o chão. Ainda não consegui dizer: é hoje que isto vai de uma ponta à outra.

Isso é uma coisa que te fica a moer?
Sinto alguma culpa. Mas, por outro lado, há um livro de um gajo chamado Daniel Pennac, francês, *Como Um Romance*, em que ele reivindica imensos direitos para o leitor: direito de abandonar o livro a meio, direito de ler só as partes que quer...

Lembro-me que me introduziste no mundo do cronista Dave Barry e penso que ele acabou por se tornar uma referência para ti e para mim. Uma das histórias mais famosas de *O Homem que Mordeu o Cão* foi a notícia da baleia explosiva que me chegou via Dave Barry. Sentes que, no teu lado cronista, foi um autor que te espicaçou?
Não tanto na escrita. Eu achava fascinante que um tipo tivesse uma vida que consiste em estar atento a histórias absurdas e depois escrever sobre elas e ganhar dinheiro.

Que é, no fundo, a minha vida hoje!
Exatamente! Tu não fazes ideia da sorte que nós temos. Uma vez entrei no carro e pus um endereço. E o GPS pergunta: "Aceitar destino?" Eu nunca tinha reparado nessa pergunta. De repente senti que estava dentro de uma peça do Sófocles. Dá para escrever 2500 caracteres sobre isso. O facto de podermos dar-nos ao luxo de estarmos em casa a congeminar coisas dessas em vez de "o Dr. Fonseca hoje chegou maldisposto outra vez, lá vamos nós trabalhar pela noite dentro"...

Por isso é que não podemos queixar-nos muito desta vida.
Não podemos, não.

Apesar de nos queixarmos.
Claro.

A gente queixa-se muito. No meu caso queixo-me desta espécie de funcionalismo público de comédia. São muitos anos a apresentar humor a uma hora certa.
Tens razão.

Mas ao mesmo tempo compreendo as pessoas que me mandam aquelas bocas desagradáveis do género: "Deviam era carregar uma saca de cimento, homem!"
Há um certo tipo de pessoas para quem trabalho só é trabalho se envolver uma

enxada ou acartar coisas. Há vários tipos de trabalho. Não quero com isto defender que o nosso possa ser considerado trabalho.

Existem três Ricardos: o que analisa política, o que analisa – como em *Estar Vivo Aleija* – as pequenas coisas da vida...
Como o facto de a palavra "chulé" não se dizer em inglês.

E há também o que trabalha ao nível de pessoas a quem nascem castanheiros no cu. Quais são os processos criativos de cada um destes Ricardos? Ou é tudo um Ricardo?
É tudo um. Só que, lá está, pessoas a quem nascem castanheiros no cu é o tipo de coisa que fazemos na Rádio Comercial. Imagina que vou para lá fazer humor político. O banco de trás não se diverte. Aquilo é ouvido por pessoas que vão a caminho da escola, onde vão levar os putos, a caminho do trabalho. Nós temos essa consciência: há gente no banco de trás e queremos que o carro inteiro se divirta.

E nada diz mais a uma criança do que pessoas a quem nascem castanheiros no cu!
As crianças já têm maturidade suficiente para perceber: "Isto realmente seria um transtorno, um menino a quem nasce um castanheiro no cu." Na verdade, o que tenho é uma vasta gama de produtos que consigo vender em várias praças.

Ainda sobre fazer humor: é de facto muito giro. Mas tendo a compreender uma coisa que há uns anos não percebia: a maneira como, a dada altura, pessoas da comédia parece que enveredam pelo drama. O Jim Carrey, por exemplo. Na altura achava que era a armar: "Olha, agora já se acha bom demais para fazer comédia." Mas agora, não sei se por causa da idade, começo a perceber a sedução de fugir da piada de vez em quando e, por exemplo, escrever a série *1986*, que apesar de ter comédia lá dentro não estava muito dependente de piada-piada-piada. Sentes isso alguma vez ou consegues imaginar-te a trabalhar só em humor para o resto da tua vida?
Sim, consigo. Embora perceba quando os atores dizem "agora vou experimentar esta outra modalidade" ou aquilo que fizeste com a série. Porque te interessa. Acho isso admirável. Acho menos interessante quando as pessoas dizem: "Não, eu agora vou para isto porque isto é respeitável."

Essa abordagem é terrível.
Acho que às vezes é culpa dos próprios humoristas que a comédia tenha mau nome. Modéstia à parte, acho que nós temos feito qualquer coisa por isso. Abrimos um livro de *O Homem que Mordeu o Cão* e percebemos "este tipo não andou na Internet a recolher anedotas e a pô-las aqui". Lá está, tal como o Dave Barry faz, há um trabalho...

É partires daquilo para falares do resto.
Exato, e isso não é uma coisa básica. Provavelmente há grandes autores que abrem um livro como *O Homem que Mordeu o Cão* e não têm recursos para fazer o que fazes lá. Meu querido.

Muito obrigado. Também há o caso do Louis CK. Há episódios da série *Louie* que são quase melancólicos. Percebes que continua a ser comédia, mas há ali uma tristeza. Sentes que tens isso em ti?
O nosso amigo comum José Diogo Quintela costuma referir-se a estas crónicas que escrevo para o Brasil como "as crónicas macambúzias". "Já acabaste a crónica macambúzia desta semana? Era sobre quê, a crónica macambúzia?" Porque acha que têm um tom que é diferente, talvez mais... acho que a palavra é "dolorido".

São todas hilariantes, mesmo assim.
Não são, olha que não.

"Humoristas e crianças pequenas partilham algumas obsessões e até características de personalidade. Uma delas é achar graça a cocó."

Em algumas há essa melancolia.
É por causa do tal constrangimento do tema. Às vezes é mais a olhar para dentro. Por exemplo, há uma crónica sobre um momento no oitavo ano em que o Padre Manuel disse à turma: "Vocês têm de certeza perguntas que vos inquietam. Para as conseguirmos fazer com todo o à-vontade e liberdade, escrevem anonimamente num papel, mete-se num chapéu e depois eu tiro e ninguém sabe." E eram as perguntas do costume: "O que é a masturbação?", coisas assim. Nisto, ele tira o meu papel. E a minha pergunta era: "O que é que eu estou aqui a fazer?"

Maravilhosa pergunta!
A sala desaba numa gargalhada! Havia várias confusões: parecia que era o padre que dizia "o que é que eu estou aqui a fazer?"; ou, mesmo que fosse o aluno, era "o que é que eu estou aqui a fazer nesta aula?" – quando eu me referia ao planeta!

Ou seja, não quiseste fazer humor aí. Estavas a questionar-te sobre o sentido da vida!
Exatamente. E mesmo assim houve colegas meus a olhar para mim como quem diz: "Só há aqui um idiota capaz de escrever uma coisa destas e é aquele."

Acho que este teu livro encerra uma coisa que admiro muito na tua obra: a capacidade de misturares filosofia e bandalheira. Há reflexões muito válidas sobre chulé, tens o teu texto sobre Kierkegaard e *Candy Crush*... Acho que há muita gente que fala com desdém de chulé e puns, esse tipo de coisa. Eu acho que são temas imortais. Temas válidos. Ainda há muito para explorar nessa área, ou não?
É uma área que, às vezes, é mal explorada.

Tem má fama.
Tem má fama injustamente. Aliás, acho que humoristas e crianças pequenas partilham algumas obsessões e até características de personalidade. Uma delas é achar graça a cocó. No outro dia estava a ler uma coisa sobre aquele momento do filme do Mel Brooks em que ele faz um pastiche de *Os Pássaros*.

Acho que é no *Alta Ansiedade*, que é uma paródia ao Hitchcock.
Exatamente. Um homem está num parque infantil e nisto olha para trás e os pássaros começam-se a acumular, exatamente como no Hitchcock. Mas o Mel Brooks explora a única forma de ataque dos pássaros ao ser humano que o Hitchcock deixou de fora: cagar-nos em cima. E o que as pessoas dizem era que a estrutura que eles montaram para esguichar caca de pássaro em cima do Mel Brooks era uma coisa tecnologicamente avançadíssima. Era uma máquina que tinha um contentor com uma mistura de maionese e espinafre, que depois esguichava aquilo. E não havia ali ninguém que lamentasse: "Olha para isto, está aqui a usar-se tecnologia que podia pôr o Homem na Lua, e está a ser usada para..."

Uma piada de cocó.
Uma piada de cocó. Ninguém. Antes pelo contrário. Porque aquela piada de cocó faz muita falta à Humanidade.

E faz todo o sentido.
Lembrar as pessoas que elas fazem cocó é um serviço inestimável que prestamos e ninguém nos dá crédito por ele.

Estar Vivo Aleija

O título do novo livro de Ricardo Araújo Pereira completa a ideia do escritor Manuel da Fonseca, que um dia disse: "Isto de estar vivo ainda um dia acaba mal." É composto por 69 crónicas escritas para o jornal brasileiro *Folha de S. Paulo* que, por sua vez, resultam das mais diversas inquietações. "O meu problema quando estou a escrever para o Brasil é que não conheço suficientemente a realidade brasileira e eles não conhecem a portuguesa – e ainda bem para eles. Portanto tenho de escrever sobre coisas que qualquer pessoa entenderia, seja brasileira ou chinesa", explica Ricardo Araújo Pereira.

Ricardo Araújo Pereira e Nuno Markl debatem as dificuldades de escrever (e falar sobre escrever) humor, a importância do silêncio e o irritante facto de haver sempre alguém a puxar as outras pessoas para pistas de dança. Lê a conversa completa no *site* da revista *Estante*.